

**SCOTT NICHOLSON**

A woman in a long black dress stands on a wooden pier extending into the ocean. She is holding up a large white sheet that floats in the air, creating a spectral appearance. The background shows a vast ocean under a dramatic, cloudy sky with a mix of blue and purple hues.

**ESPIRITOS  
AFOGADOS**

# DADOS DE COPYRIGHT

## Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe [X Livros](#) e seus diversos parceiros, com o objetivo de disponibilizar conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos acadêmicos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo

## Sobre nós:

O [X Livros](#) e seus parceiros disponibilizam conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: [xlivros.com](http://xlivros.com) ou em qualquer um dos sites parceiros apresentados neste link.

***Quando o mundo estiver unido na busca do conhecimento, e não lutando por dinheiro e poder, então nossa sociedade enfim evoluirá a um novo nível.***

# ESPÍRITOS AFOGADOS

## De Scott Nicholson

Tradução de Flávia Assis  
Copyright ©2010 Scott Nicholson  
Publicado por Haunted Computer Books  
Smashwords edition

Lá fora, enquadrado pela janela, o mar. A língua do oceano lambe a costa como quem mexe numa velha cicatriz. Nuvens pesadas e cinzentas pairam no céu, jogadas umas contras as outras pela ameaçadora fúria da natureza. À distância, uma pequenina vela branca, ou talvez uma gaivota desamparada, distante demais para voltar à terra.

Espero que seja uma gaivota.

Porque ela pode vir dessa maneira, vinda do nascente cor de lavanda. Pode se erguer dos renitentes campos arenosos por trás da casa, ou se infiltrar na árvores prateadas, mais além. Ela pode chegar mil vezes, em mil cores diferentes, de todas as direções.

Eu quase consigo ouvi-la, os passos leves na escada, o sussurro das rendas rotas, o ruído dos ossos da mão deslizando rapidamente pelo corrimão.

Quase.

Não é o medo que cola meus braços e pernas à cadeira, pois sei que ela não quer a morte como vingança. Ah, se fosse assim tão fácil pagar meus pecados.

Na verdade, temo o momento em que ela aparecerá diante de mim, quando seus olhos suplicantes olharão através dos meus e seus lábios perdidos se abrirão numa pergunta.

Ela vai perguntar por quê, e, que Deus me ajude, eu não terei resposta.

\*\*\*

Cheguei a Portsmouth para fazer uma matéria para o caderno de viagem de uma grande revista. Na minha carreira, aprendi a não amar nenhum lugar e a gostar de todos, pois os editores querem entusiasmo no texto. Assim, nem a vastidão e a beleza gelada das montanhas Rochosas, nem os úmidos

desfiladeiros dominados por sequoias do Oregon, nem os flamejantes tons pastéis dos desertos do sudoeste, nem as antigas e acolhedoras curvas dos Apalaches, nem as grandes planícies douradas no centro do país conquistaram lugar mais especial no meu coração do que qualquer outra região dos Estados Unidos. Na verdade, em grande medida, as impressões que formei sobre esta terra e seu povo vieram de conversas superficiais e paisagens emolduradas por janelas de aviões, trens e, ocasionalmente, de táxis e navios.

Por isso, as Outer Banks não me eram nada especiais quando cruzei a baía de Pamlico de ferry boat para chegar a Ocracoke. Ao norte ficava o histórico farol do cabo Hatteras, o mais alto do país, que estava sendo removido de sua base erodida ao custo de milhões de dólares. Cheguei a pensar em parar lá e cobrir a remoção para tentar vender outra reportagem, mas as matérias para a revista sempre têm prioridade sobre trabalhos como freelancer, porque nunca é bom trocar o certo pelo duvidoso.

Assim sendo, rumei para a lúgubre Portsmouth. Em Ocracoke, encontrei o homem que deveria me levar àquela cidade. Quando entrei no pequeno barco com mochila e duas bolsas, com o laptop e a câmera embalados como proteção contra a maresia, o barqueiro me olhou com desconfiança.

— Quanto tempo você vai ficar? — Perguntou ele, cuja face vincada estava tão maltratada pelo tempo quanto o casco do navio.

— Três dias, embora estejam me pagando por sete — respondi. — Por quê?

— Se me permite a ousadia, você não parece ser do tipo que aguenta ficar sem conforto. — Sob a viseira do boné, seu olhar agitado mudava constantemente de mim para a enseada, depois para o céu e para a confusão da doca.

— Eu me viro — respondi, nada satisfeito com a descrição que o velho lobo do mar fizera de mim. É verdade que eu me sentia mais em casa num hotel três estrelas do que numa barraca de camping, mas fazia minhas caminhadas e tentava ficar só um pouco acima do peso, como a maioria dos americanos de meia-idade.

O homem olhou para o mar, na direção de Portsmouth.

— Ela é dureza, se estiver de ovo virado — alertou, para logo jogar o manete para a frente e desencostar o barco do cais aos borbotões, em meio a uma neblina oleosa.

Ficamos sem falar por alguns minutos, enquanto eu me deixava ficar na proa batida pelas ondas e Ocracoke encolhia atrás de nós. O silêncio foi interrompido pelo grito do barqueiro, mais alto do que o barulho do motor:

— Espero que você tenha trazido repelente!

— Por quê? — Perguntei, enquanto os jatos de água do mar criavam uma película grudenta na minha cara.

— Os insetos vão comer você vivo.

— Será que não me emprestam um vidro no posto da guarda florestal?

— Repliquei.

O homem riu, e sua cabeça se enfiou para dentro do pescoço como se ele fosse uma tartaruga marinha.

— Não tem guardas florestais por lá. Não nesta época do ano.

— Como assim?

— É a temporada de furacões. Bom, por causa disso e dos cortes de verba. O governo não tem nada a ver com a ilha. Lugares assim deveriam ficar em paz.

As informações que me passaram deviam estar erradas. Portsmouth estava sob a administração do Serviço Nacional de Parques desde que os últimos habitantes deixaram a ilha 30 anos antes. Um assistente editorial me garantira que, durante a minha estadia, pelo menos dois guardas florestais estariam de serviço, instalados em um posto equipado com um rádio de ondas curtas movido a bateria e dotado de suprimentos de emergência. Foi por essa única razão que eu havia concordado em fazer uma matéria num lugar tão desolado.

Mais uma vez, insultei em silêncio a falta de cuidado dos assistentes editoriais.

— A previsão é de tempo bom — disse eu, sem deixar o barqueiro antever qualquer preocupação minha.

— Você vai ficar bem. Pelo menos no que diz respeito ao clima. Ainda assim, às vezes elas surgem de repente.

Olhei para o infinito mar azul. O horizonte estava deserto, num cenário muito diferente do glorioso passado da navegação daquele lugar. Em minhas pesquisas, descobri que a enseada fora uma das primeiras grandes rotas comerciais para o Sul. Décadas antes da Revolução Americana, navios fundeavam perto do canal raso e descarregavam mercadorias em barcos menores, que então distribuíam a carga entre as cidades situadas ao longo

da costa. Estimulada pela indústria naval, Portsmouth cresceu e se desenvolveu sobre aquelas lúgubres areias branco-acinzentadas.

— Muitos naufrágios por aqui? — Perguntei, mais para manter o homem falando do que para preencher qualquer lacuna no meu conhecimento.

— Tantos que nem dá para contar. Tem de tudo, desde galeras de três mastros até cargueiros de ferro. Uns desses *hippies* mergulhadores de Wood Hole disseram que viram um submarino alemão afundado, mas eu acho que eles tinham fumado um cigarrinho do capeta.

— Então as águas não são muito profundas aqui?

— Depende do movimento da areia de um ano para outro. Podem ser cinco metros, podem ser trinta. É por isso que os grandões não passam mais por aqui.

E é por isso que Portsmouth morreu. Com a enseada cada vez mais rasa, os navios já não queriam correr o risco de encalhar ou até mesmo romper o casco nos recifes. A cidade tentou se adaptar às dificuldades e se tornou uma base para equipes de navios de resgate, no final do século XIX. Muitos marujos da cidade morreram em tentativas inúteis de resgate de pessoas e de carga.

Foi então que os navios deixaram de vez a região e os moradores deixaram a cidade, família por família. A população encolheu dos 700 habitantes dos tempos áureos para poucas dezenas na década de 1950. Os mais teimosos nativos de Portsmouth permaneceram na terra natal apesar da falta de eletricidade, da oferta irregular de alimentos, do serviço de correio intermitente e da escassez de médicos e professores. Mas mesmo os mais empedernidos finalmente desistiram e se mudaram, em busca de uma vida mais segura e menos difícil, deixando para trás uma cidade fantasma, cujos prédios permanecem praticamente intactos.

— Aí está ela — anunciou o barqueiro. Apertei os olhos para me proteger dos borrifos d'água e enxergar a fina faixa de terra que surgia lentamente. A praia era linda, porém desolada. O burburinho das gaivotas era o único movimento além do vaivém das algas. Dunas baixas se erguiam além da praia de areia branca.

— Muitos naufrágios aconteceram ao longo desse trecho — comentou o barqueiro.

— Eu li que antigamente os marinheiros iam para o mar durante os furacões para resgatar a tripulação de navios afundados.

— Eram homens de coragem — concordou ele. — Afinal, o sujeito tinha que ser muito corajoso ou muito doido para fincar raízes aqui. Minha família é daqui, mas eles saíram na época da Primeira Guerra, quando os lucros eram bons. Mas ainda tem um monte de parentes meus na ilha.

Fiquei confuso.

— Pensei que a cidade estava abandonada, que só sobraram guardas florestais.

Ele deu uma risada que lembrava o som de um golfinho.

— Eles estão embaixo da terra, nos cemitérios. Ficaram no lugar onde foram enterrados.

O barqueiro manobrou o barco na direção de uma doca semidestruída, pouco mais que algumas estacas pretas saindo das águas rasas. O motor começou a rosnar à medida que ele diminuía a velocidade. Quando chegamos ao lado da doca, ele amarrou o barco com mãos que lembravam patas de caranguejo e eu pulei para cima das tábuas podres e escorregadias.

— Você já voltou? — Perguntei. — Para dar uma olhada nas coisas e passar pelas casas em que os seus parentes moraram?

Ele ficou estudando o torvelinho de espuma e balançou a cabeça.

— Nunca. É melhor deixar o passado morto e enterrado. É melhor você não se esquecer disso.

O barqueiro me passou a bagagem e pensei que ele poderia ao menos me ajudar a carregá-la até terra firme. Doce ilusão, o sujeito não saiu de perto do leme.

— Você me pega aqui na sexta, às quatro horas? — Perguntei.

Ele fez que sim, sem me olhar nos olhos.

— Se não tiver furacão, estarei aqui.

— O pagamento chegou direitinho?

Eu sabia que revistas às vezes demoravam eras para fazer pagamentos e não queria que a minha passagem de volta ao continente fosse cancelada. Aquele homem era meu único elo com a civilização, a menos que eu conseguisse entrar no posto e usar o rádio de ondas curtas.

— Tudo certo com o dinheiro — respondeu ele. — Imagino que essa é a única razão para você estar fazendo isso.

— Até é, mas também estou curioso. Não existem muitos lugares como este, onde você pode se perder no tempo.

— É, mas não vá se perder demais. Voltona sexta. Fique fora das casas e, pelo amor de Deus, não entre nos cemitérios de jeito nenhum.

O barqueiro desamarrou o barco e se afastou da doca. Depois, virou o leme do barco até ficar de costas para mim. Acenei, mas ele não se virou. O barco já havia sumido de vista quando consegui carregar todas as bolsas até as colinas de areia que protegiam a ilha dos piores ventos.

Quando cheguei ao topo das dunas, as casas mortas de Portsmouth se esparramaram à minha frente. Tinham o mesmo tom branco-acinzentado da areia, pois a pintura das casas coloniais fora descascada por décadas de erosão natural pela areia. Ficavam a dezenas de metros de distância umas das outras e todas se erguiam alguns metros acima do chão, sustentadas por pilastras de concreto ou tijolo. Carvalhos e pinheiros raquíticos preenchiam os imensos espaços entre as construções. Deixei as malas na primeira varanda que encontrei, numa casa de três andares que era a mais alta da ilha.

Não acreditei na conversa do barqueiro de que não havia ninguém na ilha. Mesmo que os postos da guarda florestal estivessem abandonados, devia haver alguns campistas ou marinheiros de passagem por lá. Eu não achava que alguém fosse roubar meu equipamento, mas o laptop valia alguns milhares de dólares e, se alguém pegasse meus suprimentos, não daria para andar até uma loja de conveniência e comprar mais.

Apesar dos avisos, entrei na casa. As tábuas de pinho, velhas e escuras, rangiam sob meus pés. A sombra era um alívio para o sol inclemente do verão e as janelas estreitas transformavam em reconfortante brisa o vento cruel do lado de fora. Os muitos cômodos do térreo estavam vazios. Encontrei a escada à esquerda do vestíbulo e subi os degraus ressequidos. No segundo andar, havia duas cadeiras velhas, uma delas de balanço. Em seguida, explorei o terceiro andar, que não passava de um sótão triangular. A vista da única janela era espetacular: além da cidade quase toda, também via-se ambos os litorais, o voltado para o Atlântico e o voltado para o continente, pois a ilha não chegava a dois quilômetros de largura. A janela também tinha um pequeno peitoril onde eu poderia apoiar o laptop e escrever. Decidi fazer daquele cômodo o meu quartel-general durante minha curta visita.

As regras do parque permitiam que os visitantes entrassem nas casas, mas era proibido permanecer nelas. Costumo respeitar normas, mas, se até os guardas florestais largaram o lugar à mercê dos elementos, concluí que era meu direito de desabrigado ficar ali, considerando que eu mesmo era uma força da natureza. Além disso, depois que o meu artigo fosse

publicado, o interesse renovado pelo local poderia gerar mais divisas para o Serviço de Parques Nacionais, graças às taxas pagas pelos novos visitantes. Uma boa publicidade não faz mal algum na hora da dotação orçamentária.

O sol se escondia rapidamente atrás da linha do horizonte. Guardei os suprimentos num armário escuro e sem portas, carreguei a cadeira de balanço para o terceiro andar e sentei em frente à janela para descansar. Olhei para baixo e imaginei como seria a cidade 150 anos antes, com a movimentação comercial a beira-mar, crianças correndo pelas ruas arenosas e irregulares, mulheres em vestidos longos cuidando de seus afazeres. Talvez um ou dois cavalos, certamente não mais que isso, puxassem carroças carregadas com produtos dos navios mercantes, barriletes de água, grossos rolos de corda e sacas de farinha de trigo e de milho. Eu quase conseguia ouvir os gritos e cantos dos marinheiros que carregavam e descarregavam os escaleres.

O cemitério ficava atrás de um carvalho envergado pelo tempo. Algumas das lápides estavam caídas e os poucos anjos e cruzes que ainda resistiam ao vento estavam bem desgastados e esburacados. Lembrei-me das palavras do barqueiro, que dizia para evitar cemitérios. Nada, porém, escrevia melhor a história de um lugar do que os nomes e as datas de seus mortos e eu sabia que não resistiria a uma visita.

Não sei se cochilei, embora eu raramente durma antes do sol se recolher, mas o fato é que, quando dei por mim, estava andando pelo cemitério, pés descalços contra a grama dura. O céu estava de um azul profundo e caminhava para um crepúsculo quase sem estrelas. A brisa do mar gemia entre as lápides de mármore e o ar tinha gosto de sal e algas e madeira de navio.

Ela surgiu do nada, tão branca quanto a areia. O cabelo escuro escorria por sobre o lindo rosto e os olhos negros eram um contraste à pele. O elegante vestido de estilo vitoriano era branco, de mangas longas e cintura alta, com todos os arremates em renda. Saiu das sombras e estendeu as mãos.

Era jovem, tinha uns dezoito anos, mas seu corte do cabelo não tinha nada de moderno. Por um instante, pensei que ela estivesse em uma festa à fantasia com os amigos na praia, todos reunidos em torno da fogueira com violões e vinho e risadas antes de formarem pares e transar na areia. Depois percebi que sua expressão estava séria demais para alguém que vinha da farra.

— Senhor, por favor, houve um naufrágio na baía — disse ela com voz trêmula, porém forte. — Pode ajudá-los?

— Como?

— Eles estão naquela direção — insistiu, apontando nervosamente para o leste. — O *Walker Montgomery* afundou com quarenta marujos a bordo, senhor. Nossos homens foram resgatá-los nos botes a remo, mas receio que eles também estejam em perigo. Partiram há muito tempo, senhor, muito tempo mesmo.

Os olhos dela se encharcaram de lágrimas sob o brilho da lua amarelada. Balancei a cabeça, com certeza alguém estava me pregando uma peça. Devem ter me visto e se aproveitaram do isolamento às minhas custas. Eu tinha certeza de que os amigos dela surgiriam da escuridão gargalhando estrepitosamente e me convidariam para beber com eles.

\*\*\*

Mas ela mantinha os olhos fixos, belos olhos assombrados que me feriram como arpões. Não havia nenhuma alegria neles. Ela segurou meu braço; seus dedos estavam frios.

— Ajude-os — suplicou. — Ajude-o.

— Quem? — Perguntei estupidamente.

— Meu Benjamin. No leme do barco de resgate principal.

— Eu... Eu não estou entendendo.

Ela puxou a manga da minha camisa, os olhos escondidos pelos cabelos.

— Há outro barco na beira da baía — disse ela. — Talvez, se remarmos juntos, consigamos chegar a eles a tempo. Depressa, por favor, antes que a tempestade leve todos.

Não havia tempestade. As ondas quebravam na costa, com o som eterno e suave da arrebentação. O vento mal daria para sustentar uma pipa. Entretanto, havia algo na voz dela que fazia meu coração bater mais rápido, ao mesmo tempo em que fazia meu sangue gelar. A lua foi subitamente engolida por nuvens altas.

— Siga-me — disse ela, seguindo em frente, por entre as lápides, para a escuridão.

Fiquei onde estava, e então virei-me para ver o casarão onde estava acampado. Uma luzinha brilhava fraca, talvez a vela que eu usara para ler. Quando me dei conta, ela havia sumido. Corri algumas centenas de metros pela areia, mas não a encontrei.

Só então os ventos se aceleraram, as nuvens se abriram e a luz da meia-lua banhou a praia. A baía parecia deserta e monótona. Não havia qualquer sinal da dama de branco, nem mesmo pegadas na areia molhada.

Ainda que um tanto desconcertado, finalmente consegui voltar à casa. Subi ao quarto onde eu havia estendido o saco de dormir e deixado meus livros e o laptop. A vela queimara até a metade. Devo ter ficado horas na praia. Entorpecido, me arrastei para dentro do saco de dormir e me refugiei no sono, inquietado pela imagem daquele belo rosto.

Pela manhã, ri de meus sonhos estranhos e gastei mais uma parte dos meus suprimentos. Abri uma lata de sardinhas e comi uma maçã, e depois passei uma hora debruçado sobre o laptop, registrando minhas impressões sobre o desembarque de ontem. Satisfeito por haver começado a pagar o investimento da minha editora, vesti um short e uma camisa leve, e fui para o coração da cidade-fantasma.

Caminhando por entre casas vazias e janelas bloqueadas, tive a sensação de que havia olhos me observando. Cheguei até a gritar um inquisitivo “alô!”, ainda não convencido de que a ilha estava completamente desabitada. Não obtive resposta, exceto pelo grito fúnebre das gaivotas.

Encontrei o posto da guarda florestal, que estava lacrado, portas e janelas protegidas por barras de aço. Ao lado do posto havia uma construção que julguei ter sido um armazém, pois havia bancos e um cocho de água no pátio de entrada, e ganchos e suportes enferrujados cobrindo toda a fachada. O interior, no entanto, estava desolado. Passei pelo balcão desabado e cheguei aos fundos do galpão, que terminava em um píer.

Empurrei o portão empenado e segui para o final do píer. O Atlântico se abriu perante mim, glorioso e salpicado de milhões de brilhantes. Observei a barreira de dunas do outro lado da baía, a quatrocentos metros de distância, e logo me lembrei da noite anterior. Por um instante, vi um pequeno veleiro de anteparas destroçadas, a proa voltada para o sol, as velas como fantasmas esfarrapados. Em um piscar de olhos, a ilusão sumiu. Ri sozinho, embora marcas de suor tenham brotado na minha camisa.

O temperatura estava subindo rapidamente e, como o mar estava calmo, tirei a camisa e os sapatos e entrei na água. Nadei um pouco e voltei para meu estúdio improvisado, lamentando não dispor de um chuveiro. Almocei uma refeição instantânea e peguei a câmera fotográfica, pronto para a caminhada de seis quilômetros até a extremidade sul da ilha.

Ao cruzar aquela estreita ilha-barreira, percebi por que o povoamento se restringiu à extremidade superior. O terreno não passava de um implacável amontoado de dunas entremeadas por bolsões de água empoçada que em nada lembravam os vibrantes pântanos da Flórida. Aqui havia lagoas lúgubres e estéreis, onde apenas os mosquitos proliferavam. Nuvens desses parasitas começaram a me atacar e passei mais tempo espantando-os do que fotografando.

Como o cenário não se alterava, desisti do objetivo na metade do caminho. Decidi fotografar apenas as construções antigas e as praias com seus ocasos e alvoradas. Arrastei-me de volta à cidade abandonada, planejando escrever um pouco antes do anoitecer. Entretanto, não consegui me concentrar no trabalho. Fiquei observando da janela as garras da noite tomarem a cidade, pensando na mulher dos meus sonhos e comparando sua beleza a todas as outras que já conheci.

Inquieto, caminhei pela praia sob o crepúsculo cinzento. Segui pelo lado oceânico, ao longo da baía. Já me aproximava do velho armazém quando ela surgiu da escuridão sob o píer. Vestia o mesmo vestido que embelezara suas suaves curvas na noite passada. Seus cabelos lisos tremulavam ao vento, numa visão rara. A palidez era o único senão, a única mácula que a separava da perfeição.

Como da primeira vez, seus olhos escuros me procuraram em súplica silenciosa.

— Podemos ir agora? — Perguntou. — Eles com certeza estão se afogando por aqui.

Supus que ela tivesse morado na ilha por algum tempo. E embora eu estivesse convencido de que a noite anterior fora um sonho, uma parte de mim ansiava que aquilo fosse real, que houvesse nova oportunidade de observar sua bela imagem novamente. E lá estava ela diante de mim.

— Onde eles estão? — Perguntei, quase sem fôlego.

A bela apontou para o outro lado da baía, onde um raio de luar se agitava por sobre as águas.

— Eles estão ali! Que tempestade terrível!

E, por um instante, eu vi. Ondas rugindo a cinco metros de altura, a chuva prateada despencando em lâminas sólidas, os escaleres jogados para lá e para cá pelo oceano furioso, como rolhas descendo pelo bueiro. Senti meu rosto empalidecer.

— Por favor, corra, senhor. Meu pobre Benjamin está lá!

A moça passou por mim e agarrou minha mão. Ela era concreta, não uma mera ilusão encantadora. Meus sentidos rodopiavam, audição, tato e visão embaralhados. Eu estava fascinado por sua beleza e proximidade, e mortificado pela visão da tempestade. Deixei-a me conduzir e suas súplicas competiam com o rugido do vento inclemente. Nos momentos em que conseguia desviar os olhos dela, eu espiava o litoral à nossa frente.

Um barco estava abicado na praia, a popa banhada pela espuma do mar. As ondas ficavam mais fortes, quebrando com raiva e avançando sobre a areia cada vez mais. Os primeiros pingos de chuva espetaram minha pele, mas o céu estava quase sem nuvens. Não questionei esses acontecimentos inverossímeis. Pensava em nada além da mão delicada, mas forte, que pegava a minha, e em como eu ansiava que elas jamais se soltassem.

Aproximamo-nos do barco e ela começou a tentar devolvê-lo à água. A chuva havia apertado. Seu vestido molhado aderiu ao corselete que lhe cingia a cintura e seus cabelos caíam em cachos selvagens sobre as costas. Devo tê-la encarado atônito por alguns instantes, pois ela se virou para mim e ralhou:

— Venha, me ajude! Não temos muito tempo!

Corri para seu lado, empurrei a proa com toda a força e senti o barco começar a deslizar. Um vagalhão tremendo liberou o casco da areia. Ela embarcou pela lateral, fazendo um sinal para que eu a seguisse. A tempestade caía com violência e o vento ficara tão forte que eu mal conseguia ficar de pé. Em meio à escuridão, eu não conseguia mais enxergar o navio adernado nem os salvadores.

A moça estendeu a mão a mim e implorou:

— Venha, não consigo remar sozinha. Benjamin está lá!

Ergui a mão para pegar a dela, mas me detive subitamente. Balancei a cabeça negativamente, mais para mim mesmo do que para ela. Aquilo era loucura. Pura loucura.

Um enorme onda quebrou e voltou em contracorrente, puxando o barco e a moça para o mar. Minha última visão foi sua boca aberta e seus olhos arregalados, em contraste com a palidez de seus belos traços. E assim ela desapareceu sob a tempestade. Afastei-me da maré crescente, protegendo o rosto com os braços contra a chuvarada ofuscante. Cheguei às dunas e atravessei-as, desajeitado, até me ver entre as casas de Portsmouth. Tombei exausto ali mesmo.

A tempestade cedeu tão subitamente quanto surgira. Quando abri os olhos, a lua estava no céu e a brisa dobrava a vegetação gentilmente contra a minha pele. Fiquei ali, desorientado, e olhei para a baía. O mar estava plano como vidraça.

Caminhei entre as construções vazias, de volta para o quarto. É claro que eu estava sonhando. Logo eu despertaria e veria um artigo escrito pela metade, um monte de latas vazias e roupas sujas, a minha cara com a barba por fazer. É claro que eu estava sonhando.

No entanto, acordei com as roupas encharcadas de água salgada.

Passei o dia seguinte vagando pela cidade. Esqueci completamente do trabalho, larguei a câmera na bolsa lacrada. Repeti a mim mesmo que só faltava uma noite e então o barco chegaria para me rebocar de volta à sanidade, ao mundo normal. Eu não iria me permitir enlouquecer naquela sombria cidade-fantasma.

Acabei topando com o cemitério e atravessei impulsivamente os portões enferrujados. Voltei ao lugar onde vi a jovem pela primeira vez. Na luz brilhante do dia, o sol refletido em areia e mar, enxerguei com clareza alguns detalhes que não fora possível observar naquela primeira noite na ilha. Duas lápides eram idênticas no formato e no grau de envelhecimento.

Na primeira, lia-se “Benjamin Elijah Johnson, 1826-1846” e, logo abaixo e em letras menores, “Desaparecido em Mar”. Na segunda, logo ao lado, a frase gravada em alabastro dizia “Mary Claire Dixon, 1828-1846”, com o mesmo epitáfio da outra.

O mais estarrecedor eram as mãos entalhadas nas lápides. A mão na lápide de Benjamin Johnson, embora desgastada por mais de um século e meio de intempéries, claramente se estendia para a esquerda, em direção ao túmulo de Mary Dixon. A mão de Mary, gravada em baixo-relevo, delgada e graciosa, se estendia para a direita, como se ansiasse por um último carinho. Nada era mais pungente do que aquele arranjo eterno.

A mão de Mary. Botei os dedos sobre os dela, explorando-os suavemente. Eu conhecia aquelas curvas e sulcos, aqueles dedos esguios que o escultor reproduzira tão habilmente. Eu havia segurado aquela mão.

Não sei quanto tempo fiquei no cemitério. As sombras começaram a se alongar, a brisa mudou de direção, e eu tinha consciência de que, se não saísse logo, ficaria para sempre enraizado ali. Desliguei-me do par de túmulos e corri de volta para o quarto. Resolvi que não sairia mais. Ficaria lá, no saco de dormir ou na cadeira de balanço, até o retorno do barco.

Naquela noite, muitas nuvens vieram de sudeste. Os ventos chacoalhavam as persianas que restavam na velha casa. Desejei com todas as forças que o tempo melhorasse, para que o barqueiro não perdesse a coragem. Mas, da janela alta, vi a tempestade se aproximar da ilha e os ventos urrarem com o início da chuva. Um relâmpago iluminou o céu de carvão, revelando-a no pátio abaixo.

Minha Mary.

Ela olhou para mim com aqueles olhos arrebatadores, os cabelos longos escurecidos pela chuva, a graciosa silhueta coberta pelo majestoso vestido. Senti o coração palpitar, acelerado por medo e desejo. Um segundo relâmpago mostrou que ela acenava para mim. Tentei desviar o olhar, mas não consegui.

Ordenei que meu corpo ficasse naquela janela, mas minhas pernas tomaram vida e me carregaram pela escadaria. Desci, pé ante pé, em apavorante expectativa. Quando cheguei ao térreo, a tempestade havia piorado e a casa inteira tremia sobre os pilares instáveis. Mary me aguardava na varanda.

— Você vem?

— Mary.

Ela fez que sim em silêncio, virou-se e correu para o meio da tormenta.

Fui atrás dela, disparando ensandecido por Portsmouth, esbravejando aos céus, vomitando impropérios que se dispersavam em meio à tempestade. A ventania, batendo nas casas vazias, soava como a risada de uma grande plateia. Corri em direção à praia, onde eu sabia que estava o barco.

Mary já o havia lançado ao mar e fazia sinais para mim com o remo. Lutei contra as ondas, mas finalmente alcancei a popa e subi a bordo. Ela empunhava um par de remos, com as costas arqueadas, e mergulhava a madeira nas águas turbulentas. Havia mais um par de remos, que agarrei desajeitadamente, tentando acertar as remadas ao ritmo dela.

Aquilo era inútil, e eu sabia. Éramos dois contra a força do oceano, dois contra a natureza, apenas dois. Mas eu não me importava. Eu só queria saber de Mary, agradar Mary, estar com Mary.

Mais relâmpagos cortaram os céus, iluminando a já conhecida cena do veleiro adernado e dos botes em perigo. Não sei se foi fruto de minha imaginação, mas vi um homem de pé na proa de um dos barcos, acenando para nós. Com certeza foi a minha imaginação.

— Benjamin! — Gritou Mary, olhando por cima dos ombros tensionados.

Uma onda se encrespou ao nosso lado e o sal machucou meus olhos, meu nariz e minha garganta. Mary continuou:

— Reme mais rápido! Temos que salvar Benjamin!

E se salvássemos? Se, de alguma forma, conseguíssemos vencer a brutalidade do mar e nos aproximar do bote, e se por algum milagre conseguíssemos voltar à praia, o que aconteceria?

Mary teria de volta seu Benjamin, e eu teria nada. Perderia Mary.

Parei de remar e nosso barco adernou. Mary percebeu que larguei os remos.

— Ajude-me! — Exclamou. Seus olhos transbordaram perplexidade e a boca perfeita quedou entreaberta, gaguejando em silêncio.

— Não. Benjamin morreu. Você é minha agora.

Retomei os remos e comecei a remar de um lado só, até virar o barco de direção. Eu esperava que Mary lutasse, que insistisse em remar para o lado contrário, mas ela simplesmente largou os remos, deixando-os cair ao mar.

Ficou de pé no barco, em toda graça e glória, a beleza mais profunda já criada. Sem dizer palavra, mergulhou no mar.

— Eu te amo! — Urrei, sem saber se fui ouvido.

Esperei longos minutos que me pareceram horas, resistindo às correntes, aguardando que ela emergisse. Um raio caiu novamente e pude ver que o veleiro e os botes de resgate haviam desaparecido, vítimas do mar inclemente. Em cada crista de onda, em cada jato de espuma eu enxergava uma renda do vestido de Mary.

Ela não apareceu mais. Retomei os remos, completamente desorientado, lutando para voltar a terra. Só me restava remar e remar, puxando o barco inundado contra o mar que queria devorá-lo.

A tormenta logo cedeu, e me vi jogado na areia, tossindo água salgada. O leste começava a se iluminar com os tons róseos da aurora. Ergui-me sobre os joelhos com dificuldade e olhei para a baía. Não havia sinal de barco, de naufrágio, de Mary.

Arrastei-me de volta ao casarão. Levei vários minutos para me entender com as escadas e finalmente cheguei ao meu quarto, à minha cadeira de balanço, à minha janela alta. Reassumi meu posto de vigia, um faroleiro dos mortos.

\*\*\*

Três dias se passaram, e continuo no meu posto.

Espero que o barqueiro tenha desistido de mim. Com tanto medo em seus olhos ao vislumbrar os segredos da ilha, duvido até que ele tenha desembarcado em terra. Fico imaginando se ele comunicaria meu desaparecimento ou se tinha suas próprias regras, suas próprias obsessões. Até que alguém me ache, pode-se passar uma semana ou mais.

Tempo bastante para que ela me encontre, se assim quiser.

O desejo tem algo de bizarro e destrutivo, algo de estranhamente belo. Talvez essa seja a moral deste conto, que substituiu a matéria sobre turismo em meu laptop. Quem encontrar este relato está autorizado a fazer dele o que quiser. Esta história foi escrita há muitas décadas e apenas o final continuava em aberto.

O final.

Escuto-a agora, abaixo de mim, em passadas graciosas como o ritmo do mar. Ela sobe a escadaria em espiral, cada vez mais próxima.

Talvez seja apenas o vento fazendo ranger a madeira velha.

Não sei o que mais temo.

Sua chegada em rendas e fúria ressentida?

Ou sua ausência, me privando da visão de sua beleza eterna e irreal?

Quase consigo ouvi-la agora.

Quase.

**FIM**

**Sobre o autor:**

Scott Nicholson é um escritor de sucesso internacional, autor de mais de trinta livros, entre eles *A Igreja Vermelha*, *O Abrigo*, *O Anel de Caveira*, *Desintegração* e *Páginas Policiais*. Saiba mais visitando o site do autor, em [www.hauntedcomputer.com/](http://www.hauntedcomputer.com/)

**Sobre o tradutor:**

A TranslaCAT ([www.translacat.com](http://www.translacat.com)) é uma agência de tradução do Rio de Janeiro, e traz para o mercado brasileiro a versão em português dos best-sellers do escritor Scott Nicholson. Tradução de Flávia Assis. Revisão de Karine Jost

**Descrição do produto:**

## **DESINTEGRAÇÃO**

Quando um incêndio misterioso destrói sua casa e mata a filha pequena, Jacob Wells é jogado em uma espiral descendente que o leva cada vez mais para perto de um passado que ele julgava morto e enterrado.

Agora, seu irmão gêmeo Joshua está de volta, procurando saldar velhas dívidas e reclamar sua metade da herança dos Wells. A esposa de Jacob, Renee, luta com a própria culpa, pois o casal havia perdido outra filha vários anos antes.

À medida que Jacob e Joshua voltam aos papéis invertidos que adotaram nas mãos de pais cruéis e exigentes, eles entram em uma guerra de orgulho, riqueza e paixão. Eles dividem o amor venenoso de uma mulher que, com prazer, arruinaria ambos: Carlita, uma hispânica provocante e manipuladora cuja família imigrante ajudara a construir a fortuna dos Wells.

Se pelo menos Jacob descobrisse a quem culpar... Mas as linhas da identidade estão misturadas, pois Joshua e Jacob compartilham muito mais do que o sangue.

E os jogos infantis tornaram-se mortalmente sérios.

## **A IGREJA VERMELHA**

Para Ronnie Day, de 13 anos, a vida é cheia de problemas: Papai e Mamãe se separaram, o irmão Tim é uma peste constante, Melanie Ward o ama ou o odeia, e Jesus Cristo não fica em seu coração. Além disso, ele tem que passar pela igreja vermelha todos os dias, onde o Monstro do Sino se esconde com suas asas e garras e fígado nos olhos. Mas o maior problema é que Archer McFall é o novo pregador da igreja, e Mamãe quer que Ronnie assista aos serviços da meia-noite com ela.

O delegado Frank Littlefield odeia a igreja vermelha por um motivo diferente. Seu irmão menor morreu em um terrível acidente na igreja há vinte anos, e agora Frank começou a ver o fantasma do irmão. E o fantasma exige: "Liberte-me". As pessoas estão morrendo em Whispering Pines, e os assassinatos coincidem com o retorno de McFall.

Os Day, os Littlefield e os McFall são descendentes das famílias originais que povoaram a comunidade rural das Apalaches. Essas famílias antigas compartilham um segredo de traição e culpa, e McFall quer que a congregação prove sua fé. Porque ele acredita que seja o Segundo Filho de Deus, e que a purificação dos pecados deve ser feita com sangue.

— Sacrifício é a moeda de Deus — prega McFall, e, a não ser que Frank e Ronnie o detenham, todos pagarão.

### **O ANEL DE CAVEIRA**

O passado de Julia Stone volta rastejando quando ela descobre um estranho anel de prata e três homens a desejam. Escolher o homem errado pode custar não apenas seu coração, mas sua alma.

A Dra. Pamela Forrest está determinada a trazer à superfície as memórias de Julia, na esperança de curar sua síndrome do pânico. A terapeuta faz com que Julia volte repetidas vezes a uma noite vinte e três anos atrás, quando Julia estava com quatro anos. Uma noite com pessoas encapuzadas, estranhos cânticos, dor e sangue. A noite na qual seu pai desapareceu da face da terra.

Mas a linha que divide o passado do presente começa a ficar fora de foco quando Julia descobre um anel de caveira prateado que tem o nome “Judas Stone”. Alguém está deixando estranhas mensagens dentro de sua casa, mesmo com a porta trancada. O faz-tudo, que possui a chave, passa um bom tempo na floresta atrás de sua casa. Seu namorado, Mitchell, se torna distante e violento. E o policial que investigou o desaparecimento de seu pai a seguiu até a pequena cidade de Elkwood.

Agora ela possui uma mente cheia de lembranças, mas não sabe quais delas são reais. As sombras do pânico de Julia estão ficando maiores e mais escuras. Mas sucumbir à loucura parece mais seguro do que atender ao chamado dos sussurros que reivindicam domínio sobre seu corpo e alma.

### **O ABRIGO**

Freeman Mills, um garoto de doze anos, chega ao abrigo para menores desajustados Wendover para um recomeço em sua vida. Recomeços não são fáceis para Freeman, vítima de experiências dolorosas na infância que lhe conferiram o dom de ler a mente.

Em Wendover, Freeman e as outras crianças estão sujeitas a mais experiências secretas organizadas por uma misteriosa instituição secreta chamada Fundação. As experiências, porém, produzem outros resultados além de poderes de clarividência: os campos eletromagnéticos usados nas experiências provocam manifestações dos espíritos dos pacientes que morreram em Wendover quando o prédio sediava um manicômio.

Até que a Fundação traz um cientista novo para o projeto, um cruel e instável pioneiro em estudos de percepção extrassensorial que realizava a maior parte do seu trabalho usando uma cobaia muito especial: o filho Freeman Mills.

## **PÁGINAS POLICIAIS**

Quando John Moretz aceita o emprego como repórter na pequena cidade de Sycamore Shade, nos Apalaches, surge uma onda de crimes que aumenta a circulação e deixa as pessoas inquietas. Uma vítima de assassinato é encontrada e Moretz é o primeiro a chegar na cena do crime.

À medida que mais corpos são descobertos, a polícia começa a suspeitar de Moretz, mas as vendas de jornais estão estourando devido à sua cobertura sensacional dos crimes. Seu editor está dividido entre segurar seu farejador de notícias e ganhar dinheiro, enquanto tem um caso com a repórter da cidade grande enviada para cobrir os assassinatos em série.

E Moretz parece estar um passo à frente dos outros repórteres, da polícia e até mesmo do próprio assassino.

PÁGINAS POLICIAIS é uma história de 22.000 palavras, equivalente a cerca de 110 páginas de um livro

## **AMOR MORTO, AMOR ETERNO**

O detetive Richard Steele precisa resolver seu caso mais difícil — o próprio assassinato — enquanto se divide entre mulheres em ambos os lados do túmulo. Lee, a namorada, está afundada até o pescoço na confusão que o detetive deixou para trás e a falecida esposa o aguarda no além, com sede de vingança.

Numa corrida contra o tempo, Richard enfrenta seus muitos fracassos e um poder além de sua compreensão — o amor. Sua única arma é a fé, e a munição está acabando.

Este vai ser um baita confronto final.

**ESPÍRITOS AFOGADOS**

**AUTOR**

**PRODUTO**